

Conhecimento técnico, redes de circulação e identidade: informações etnohistóricas e tecnológicas sobre adornos labiais indígenas em quartzo do século XIX*

Technical knowledge, circulation networks and identity: ethnohistorical and technological information about indigenous quartz lip-ornament in 19th century

Juliana de Resende Machado**

Palavras-chave:
Adorno labial em quartzo
Coleções etnográficas
Etnohistória

Resumo: Ao longo do século XIX, etnólogos e viajantes registraram a utilização de grandes adornos labiais em quartzo entre diferentes grupos indígenas na região do médio Araguaia e médio Xingu. Este artigo foi construído com dados da literatura etnohistórica, de registros museográficos e da análise tecnológica de alguns adornos etnográficos. De acordo com a bibliografia, os Tapirapé, o único grupo tupi daquela região, produziam esses adornos e os trocavam com seus vizinhos Karajá, Kayapó e Xavante, falantes de línguas Jê. Ao evidenciar tais dados, o objetivo é levantar e valorizar dados etnohistóricos e etnográficos que contextualizem esses adornos labiais a respeito do saber técnico mobilizado durante a cadeia operatória de produção, da rede de trocas na qual eles estavam envolvidos e do papel que tinham na construção da identidade cultural dos diferentes grupos sociais.

Keywords:
Quartz lip-ornament
Ethnographic collections
Ethnohistory

Abstract: Throughout the 19th century, ethnologists and travelers recorded the use of large quartz lip-ornament among different indigenous groups in the Middle Araguaia and Middle Xingu regions. This article was built with data from ethnohistorical literature, museum records, and the technological analysis of some ethnographic pieces. According to the bibliography, the Tapirapé, the only Tupi group in that region, produced these adornments and exchanged them with their neighbors Karajá, Kayapó and Xavante who speak the Jê languages. By highlighting such data, the proposal is to assemble and value ethnohistorical and ethnographic data that contextualize these lip-ornaments by the technical knowledge mobilized in productive chaîne opératoire, the exchange network involved them, and the role that they played in the construction of cultural identity of social groups.

Recebido em 19 de junho de 2022. Aprovado em 11 de outubro de 2023.

* Uma versão deste trabalho intitulada “Identidade, rede de trocas e saber técnico: informações sobre adornos labiais em quartzo produzidos pelos Tapirapé do século XIX” foi apresentada em forma de comunicação durante o II Congresso Internacional de Ciências Sociais e Humanas “*La Amazonia Brasileña: problemas y desafíos*” realizado em Salamanca entre 28 de março e 1 de abril de 2022.

** Doutora em Arqueologia Pré-histórica pela *Université Paris Nanterre*. Professora designada do Departamento de Ciências Sociais e Humanidades da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Acadêmica de Cláudio. Pesquisadora pós-doutoranda do *Laboratoire Technologie et Ethnologie des Mondes Préhistoriques* (UMR8068). E-mail: ju.drmachado@hotmail.com.

Introdução

Entre o início do século XIX e a primeira metade do século XX, viajantes, colecionadores e etnólogos que passavam pela região do médio Araguaia e médio Xingu encontraram ameríndios ornados de exuberantes adornos labiais em pedra. Diferentes grupos que habitavam essa região tinham esses adornos dentre os seus ornamentos corporais. Eles são feitos numa única peça de quartzo e chegam a medir até impressionantes 15 cm de comprimento. A extremidade de inserção no lábio tem uma forma de T, enquanto a extremidade de exposição pode ter uma forma ligeiramente cônica, em disco ou ser simplesmente mais afilada dando continuidade à haste. Esta é alongada e cuidadosamente regular na maioria dos adornos (MACHADO, 2020).

O registro etnográfico mais antigo para este adorno labial até então é o ano de 1829 (MACHADO, 2020), quando o naturalista inglês W. J. Burchell obteve um exemplar pertencente aos Karajá, moradores das margens do médio Araguaia, durante sua expedição que naquele ano passou pela região (FERREZ, 1981; PICKERING, 1998; POULTON, 1907). Sessenta anos mais tarde, seu uso foi registrado com esses mesmos ameríndios, segundo observações de Ehrenreich (1948). Krause (1911) e Kissenberth (1912) encontraram essas mesmas peças com os Tapirapé, um grupo de língua Tupi, originário do baixo curso do rio Araguaia e que se deslocaram em direção ao médio curso deste rio durante a segunda metade do século XVIII. Em 1936, Banner (1961) os identifica em diferentes grupos Kayapó, também de língua Jê e habitantes tradicionais daquela região. Esses raros objetos foram vistos em uso, talvez pela última vez, nos anos de 1962 e 1966, quando R. Fuerst realizava seu campo etnográfico entre os Xikrin (FUERST, 1967, 2006).

Quase dois séculos mais tarde, a cerca de 700 Km ao sul, no sudeste do estado do Mato Grosso, num abrigo do complexo arqueológico da Cidade de Pedra, uma equipe de arqueólogos¹ encontrou um fragmento de adorno labial em quartzo, muito semelhante a extremidade de exposição dos adornos etnográficos. A peça estava dentro de uma urna funerária do sítio arqueológico Cipó (WESOLOWSKI, 2006). Do ponto de vista tecnológico, após fraturada ela foi retrabalhada em

sua haste vestigial e polida, na extremidade fraturada (MACHADO, 2020). Contextualizar cronologicamente tal achado é uma tarefa difícil, pois a única data obtida para o sítio Cipó foi de 1025 ± 100 BP², a partir de uma amostra de fragmento cerâmico bastante semelhante à urna. Dessa forma, conclui-se que a estrutura funerária foi feita a partir desta data.

Este achado em contexto arqueológico pode recuar no tempo a antiguidade destes grandes adornos labiais e poderia fornecer os primeiros elementos de uma extensa rede de trocas.

O objetivo principal deste trabalho é levantar e valorizar dados etnohistóricos e etnográficos que contextualizem esses adornos labiais a respeito do saber técnico mobilizado durante a cadeia operatória de produção, da rede de trocas na qual eles estavam envolvidos e do papel que tinham na construção da identidade cultural dos diferentes grupos sociais.

Tais relatos mencionam aspectos produtivos, utilitários, econômicos e simbólicos destes objetos líticos, dados raros na literatura e absolutamente preciosos para os arqueólogos. Com os cuidados necessários para se evitar uma extrapolação direta, sob o risco de transposições anacrônicas das realidades sociais, os dados que extraímos desses relatos contribuem com direcionamentos metodológicos – na prospecção de sítios arqueológicos, na reconstrução de cadeias operatórias de produção e utilização, na compreensão de estigmas de lascamento/polimento, macrotraços de utilização, etc. – e na construção de hipóteses teórico-interpretativos – de cenários socioeconômicos e culturais do passado. Em suma, é importante que eles sejam valorizados e sistematizados.

Metodologia

Documentação bibliográfica e museográfica

As duas principais fontes deste estudo foram os registros museográficos de algumas peças etnográficas e a bibliografia etnohistórica a elas relacionada.

Num primeiro momento, foi feito um levantamento nos acervos de diferentes instituições no Brasil e no exterior que guardam coleções

etnográficas ameríndias. Um total de 19 peças foram identificadas, a partir de informações de acervos digitais disponibilizados para a consulta do grande público nos sites das instituições ou catálogos impressos. Em função da possibilidade e da facilidade de acesso, foram estudadas seis peças, listadas no quadro 1.

A partir das informações do registro museográfico, mais especificamente referente ao coletor, ao doador da peça para a instituição, ao local da coleta, a data de coleta e etnia relacionada, fez-se um levantamento da bibliografia etnohistórica

relacionada, estabeleceu-se um recorte cronológico (entre o início do século XIX e a primeira metade do século XX) e geográfico (médio curso dos rios Araguaia e Xingu). O estudo da bibliografia encaminhou a consulta de outras referências, cujas peças não puderam ser diretamente estudadas nos museus. As referências que documentam esses grandes adornos labiais são de viajantes/etnólogos(as) alemães, mas também ingleses, franceses, italianos e suíços e encontram-se elencadas no quadro 2.

Quadro 1 – Relação de adornos labiais estudados, destacando sua instituição de guarda e coleção a qual pertence.

Instituição de guarda	Coleção	Quantidade de peças	Número de tombo
Museo Nazionale Preistorico Etnografico Luigi Pigorini	E. H. Giglioli	4	11457; 1458; 11459; 11460
Musée du Quai Branly	J. Vellard	1	71.1930.32.22
Pitt Rivers Museum	W. J. Burchell	1	1886.1.9.69

Fonte: Adaptado de Machado (2020).

Quadro 2 – Principais referências bibliográficas utilizadas.

Viajante/Etnólogo(a)	Ano do trabalho de campo	Referência bibliográfica
William J. Burchell	1828 e 1829	*Poulton (1907); *Ferrez (1981); *Pickering (1998).
Robert Marsham	1858	Marsham (1859)
Hillyer Enrico Giglioli	1865	*Petrucci (1983)
Paul Ehrenreich	1888	Ehrenreich (1948)
Fritz Krause	1908	Krause (1911)
Wilhelm Kissenberth	1909	Kissenberth (1912)
Jehan-Albert Vellard	1930 e 1938	*Vellard (1981); *Dollfus (1996)
Horace Banner	1936	Banner (1961)
Herbert Baldus	1935 e 1947	Baldus (1970)
Simone Dreyfus	1955	Dreyfus (1963)
René Fuerst	1962 e 1966	Fuerst (1967, 2006)

Fonte: Adaptado de Machado (2020).

Nem sempre os doadores dos objetos etnográficos para as instituições são aqueles que coletaram. É o caso do naturalista e pintor inglês W. J. Burchell e do etnólogo e colecionador italiano H. E. Giglioli. Ambos estiveram no Brasil e realizaram missões de estudo, porém os adornos labiais não foram coletados diretamente com o grupo ameríndio, chegando em sua posse por regalo, doação ou compra de terceiros (MACHADO, 2020). Ademais, nem sempre os coletores/doadores deixam outros registros das peças além daqueles feitos durante a doação. Neste sentido, as publicações sinalizadas (*) não se referem diretamente a peça etnográfica, mas ajudam a contextualizá-las com informações sobre o coletor/doador.

Estudo das coleções etnográficas

As seis peças etnográficas acima mencionadas foram analisadas segundo a perspectiva tecnológica proposta por autores como Inizan *et al.* (2017); Pelegrin (2020, 1995); Tixier (2012). Nesta proposta de análise o estudo se desenvolve em duas etapas principais, segundo Pelegrin (1995). Na primeira etapa busca-se através dos traços produtivos e do ordenamento das ações, identificar as técnicas e os métodos empregados em determinada produção. Já na segunda etapa, esses dados são extrapolados para reflexões a respeito das intenções e preferências de produção, levando em consideração as características físico-morfológicas da matéria-prima, o estado técnico dos objetos e, quando possível, o nível de experiência do artesão na execução daquela cadeia operatória (PELEGRIN 1995; MACHADO 2015, 2020).

Neste sentido, para além da forma e do estilo, a análise tecnológica evidencia a existência de um conhecimento técnico, que pode se perpetuar ao longo do tempo (conformando uma tradição técnica) e que servirá de base para pensar as relações técnicas, socioeconômicas e socioculturais que os grupos estabeleciam entre si.

No que se refere ao estudo de objetos polidos, para ler e diferenciar os macrotraços inscritos nas peças, os trabalhos de Pelegrin (2012) e Pétrequin *et al.* (2012) sobre o polimento de lâminas de machado

em sílex ou jadeíta, além das reproduções experimentais de tembetás em quartzo de Souza (2008) e da reconstituição de cadeias operatórias de tembetás em amazonita de Correa (2011) foram as principais referências. Embora não tratem diretamente de adornos, Silvestre e Buc (2015) exploram do ponto de vista funcional uma categoria de objetos que pode (ao menos alguns deles) participar da etapa de polimento de adornos labiais: os calibradores; também configuram uma importante referência para o entendimento deste processo produtivo.

É importante salientar que, por se tratar de coleção etnográfica e, principalmente, peças em quartzo, a documentação dos macrotraços de produção observados foi muito limitada. As condições de iluminação dos museus nem sempre eram ideais para fotografias macro no quartzo, as peças não puderam ser transportadas para serem observadas com um equipamento adequado, tal como lupa binocular e microscópio eletrônico de varredura. Dessa forma, os macrotraços foram observados a olho nu e com lupa geológica de mão de baixo aumento (máximo 30x) num campo de visão restrito.

Resultados

Sobre a organização social e a cadeia operatória de produção dos grandes adornos labiais em quartzo

Dados etnográficos

Muitos autores designam os Tapirapé como os produtores desses adornos labiais (BALDUS, 1970; EHRENREICH, 1948; KISSENBERTH, 1912, 1922; KRAUSE, 1911). Estrangeiros nessas terras do médio Araguaia, os Tapirapé teriam se deslocado para as margens do rio Tapirapé desde o baixo Xingu e baixo Tocantins, locais onde, segundo Baldus (1970), eles foram registrados durante o século XVII. No século seguinte, os Tapirapé já aparecem em registros cartográficos nas proximidades do rio homônimo (BALDUS, 1970). Eles teriam se deslocado de norte para o sul, provavelmente carregando consigo o conhecimento

técnico de produção destes adornos labiais. Naquela região do médio Araguaia, eles são o único grupo de família linguística Tupi-Guarani, sendo todos os seus vizinhos falantes de línguas da família macro-Jê.

Aparentemente, os Tapirapé não somente detinham o conhecimento técnico produtivo dos adornos, mas também o controle do território de aprovisionamento da matéria-prima. Eles utilizavam como matéria-prima basicamente o quartzo que abunda em jazidas primárias naquela região - como na Serra dos Caiapós (EHRENREICH, 1948) ou próximo da aldeia Moytaua, abandonada pelos Tapirapé em 1932 (BALDUS, 1970).

Sobre as primeiras etapas da cadeia operatória, Ehrenreich (1948) menciona que os jovens Tapirapé se encarregavam de selecionar e transportar a matéria-prima, enquanto os homens adultos se dedicavam à produção dos adornos labiais. Os Kayapó também produziam esses grandes adornos labiais em pedra. Um conhecimento que, segundo Krause (1911), lhes fora ensinado pelos Tapirapé. Entre os Kayapó, Krause (1911) descreve a mesma divisão etária do trabalho durante o aprovisionamento da matéria-prima. Uma informação bem intrigante, quando pensamos que a escolha da matéria-prima é essencial para o bom desenrolar da cadeia operatória (INIZAN *et al.*, 2017; PELEGRIN, 1995). Esperaríamos que o aprovisionamento fosse conduzido por lascadores experientes, com o olho treinado para identificar as matérias-primas de melhor qualidade.

Ainda, segundo Krause (1911), a matéria-prima era levada até a aldeia, onde era lavrada com pedras pelos homens mais velhos. Essa passagem não deixa claro se faz referência ao lascamento e à preparação da pré-forma ou ao polimento. Nenhum registro detalhado fora levantado a respeito da produção da pré-forma por lascamento – as técnicas e os métodos envolvidos, os materiais e os instrumentos utilizados. Entretanto, espera-se que tal etapa faça parte desta cadeia operatória, pois a retirada do volume inútil de matéria facilitaria o trabalho de polimento.

Kissenberth (1912) traz algumas informações sobre a etapa do polimento dos adornos labiais. Os Kayapó os friccionavam sobre suportes de granito submerso em água; uma atividade que poderia se prolongar por muitos meses. No momento do

campo de Kissenberth, em 1909, o polimento desses adornos ainda era uma prática comum entre os Kayapó.

Ainda segundo Kissenberth (1912), a produção dos adornos labiais em pedra é conhecida por poucos indivíduos Kayapó do sexo masculino e só fora compreendida pelo seu informante Paé (idade desconhecida; Paé assumia um status de curandeiro em seu grupo, o que lhe conferia grande influência nas decisões coletivas), na época na qual acontecia o trabalho de campo.

Por fim, Baldus (1970) pontua que, entre os Tapirapé, esses adornos eram transmitidos de uma geração a outra; deixando subentendido para nós a possibilidade de uma produção ocasional, talvez em função de uma demanda específica.

Dados da análise tecnológica de peças etnográficas

Esses adornos labiais são monólitos e considerando as dimensões finais das peças etnográficas analisadas (a maior com 130×40 mm e a menor com 76×33 mm), o suporte natural devia ter, obrigatoriamente, mais de 130 mm de comprimento – o quadro 3 traz as medidas das peças estudadas. A transformação intensa dessas peças impossibilita maiores considerações sobre a natureza deste suporte, entretanto, na peça 11460G pode-se observar na extremidade de exposição cônica uma superfície plana, muito pequena, semelhante a uma face natural do ápice do cristal, que poderia ter escapado à ação de polimento (MACHADO, 2020). Assim, é possível que cristais de quartzo tenham sido utilizados como suportes naturais de algumas delas.

Apesar da ausência de traços indicativos de lascamento, esta etapa seria fundamental para retirar o volume inútil de matéria e, assim, facilitar o trabalho de polimento. A faceta natural, mencionada acima, permite reposicionar o suporte natural durante a etapa de lascamento (MACHADO, 2020). O ápice do cristal corresponderia à extremidade de exposição cônica do adorno. Sendo essas duas morfologias semelhantes, o trabalho de lascamento seria mais pontual. Já o corpo do cristal corresponderia à haste do adorno e necessitaria de um trabalho de lascamento mais importante até chegar à pré-forma. Quanto ao

método de lascamento empregado, não há nenhum indício que permita sua reconstituição.

A aplicação do picoteamento seria uma etapa importante para facilitar o trabalho de polimento, pois essa técnica regulariza as superfícies, diminuindo elevações pronunciadas resultantes do lascamento (MACHADO, 2015, 2020; PETREQUIN *et al.*, 2012; RODET *et al.*, 2014), e conferir uma silhueta particular a determinadas partes de um objeto, como os contornos ou o estrangulamento numa lâmina de machado ou a angulação do adorno labial, entre a haste e as extremidades de inserção e de exposição (MACHADO, 2020). Observamos traços de picoteamento em três peças (711930.32.22, 11457, 1886.1.9.69). A peça 11457 (fig. 1), por exemplo, conserva em sua lateral esquerda, notadamente no ângulo entre a extremidade de inserção e a haste, uma superfície rugosa cravejada por microdepressões e marcada por microestilhamentos não destacados – representados por uma

modificação na coloração, que se torna branco gelo (MACHADO, 2020).

Entretanto, a utilização ou não do picoteamento numa matéria como o quartzo é um ponto a se debater. Souza (2008) ao reproduzir adornos labiais em quartzo, logo descarta essa possibilidade, em função da “fragilidade do mesmo [quartzo], o qual já tem sua potencialidade de quebra fortemente aumentada devido a presença de planos de clivagem internos, que são zonas de fraqueza” (SOUZA, 2008, p. 124). No entanto, assim como ocorreu em nossas peças etnográficas, ele identifica macrotraços de picoteamento em coleções arqueológicas de Minas Gerais e de São Paulo, peças feitas em silimanita, quartzo leitoso e amazonita. É importante lembrar que o quartzo é um mineral com alto nível de dureza na escala Mohs e que, eventualmente, a matéria-prima pode apresentar algumas zonas de fragilidade que levariam a eventuais fraturas, assim como qualquer outra rocha ou mineral.

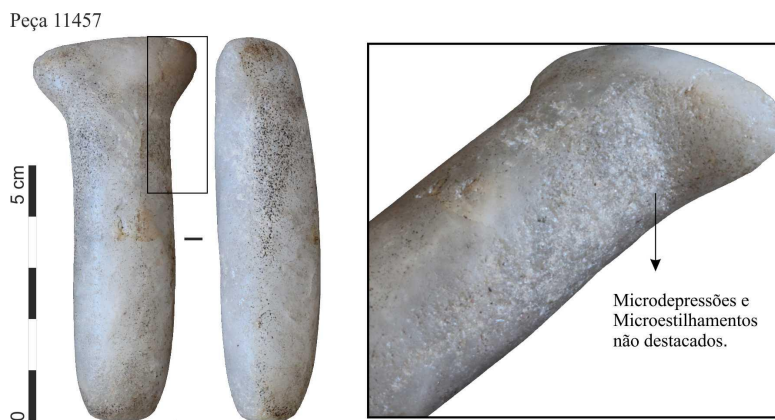


Figura 1 – Peça Kayapó (11457) da coleção E. H. Giglioli (Museo Nazionale Preistorico Etnografico Luigi Pigorini). Macrotraços de picoteamento, caracterizados por uma superfície com microdepressões e microestilhamentos não destacados (de coloração branco gelo).

Créditos: J.R.Machado.

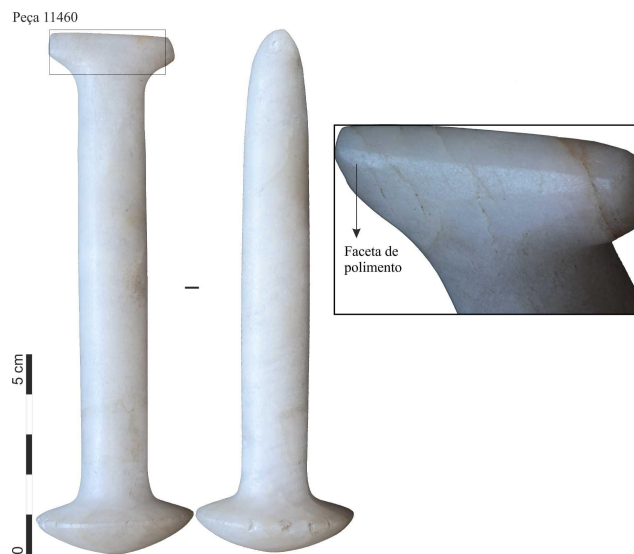


Figura 2 – Peça Karajá (11460) da coleção E. H. Giglioli (Museo Nazionale Preistorico Etnografico Luigi Pigorini). Destaque para a faceta de polimento bem delimitada numa das faces da extremidade de inserção do adorno. Polimento realizado sobre um polidor de superfície plana/concava. Créditos: J.R.Machado

Para finalizar a produção, chega-se à etapa do polimento, que deixa um aspecto evidente sobre toda a superfície do objeto e oblitera, total ou parcialmente, os estigmas deixados pelas técnicas anteriormente empregadas. Identifica-se três conjuntos de macrotraços de polimento³:

- facetas residuais, localizadas principalmente na extremidade de inserção (fig. 2), contendo finas estrias paralelas que tomam orientações diferentes em cada faceta e podem indicar uma ação realizada sobre um suporte plano/concavo (tal como o polidor de granito, mencionado nos relatos etnohistóricos). Observado em todas as seis peças analisadas.

- estrias transversais não delimitadas por uma faceta e localizadas principalmente na angulação entre a haste e a extremidade de inserção. É provável que um outro tipo de polidor tenha sido utilizado para estes locais (talvez algum que se adapte ou se encaixe nesta angulação?). Observado em uma peça (711930.32.22)

- na haste observa-se um conjunto de finas estrias, por vezes paralelas entre si, por vezes erráticas, orientadas de modo transversal ou em diagonal ao eixo de desenvolvimento da haste. Observado em três peças (11460, 11457, 1886.1.9.69)

Esses três conjuntos de estigmas deixam claro que mais de uma técnica/método de polimento era empregada nesta cadeia operatória. A ação efetuada num polidor de superfície plana/pouco concava resultaria no aplainamento da superfície, resultando em facetas (PELEGRIN, 2012), como podem ser observadas na extremidade de inserção de muitas peças e, de forma mais atenuada, nas laterais e próximo das angulações. No entanto, esse polidor não corresponde ao conjunto de estigmas observados na haste e na angulação entre as extremidades e a haste.

É muito provável que a utilização do polidor plano/concavo tenha se restringido às etapas iniciais de polimento, na extremidade de inserção, na haste ou em parte dela e na superfície da extremidade cônica. Aliás, essa extremidade sobressalente pode configurar um fator limitador para o polimento de parte da haste.

Ademais, seria pouco eficaz, inadequado ao gesto e mesmo arriscado para a peça utilizar um polidor de superfície plana/concava na angulação entre extremidades e haste. A presença de estrias não delimitadas por uma faceta pode sugerir a ação de

um polidor mais pontual, com uma área de contato menor e provavelmente de superfície ativa convexa. Na produção de adornos labiais em amazonita encontrados no sítio Baixio dos Lopes (Ceará), Correa (2011) sinaliza a utilização de um instrumento semelhante na abertura de canaletas que, mais tarde resultariam na angulação entre a extremidade de inserção e a haste.

No que se refere à ausência de facetas na haste, pode-se aventar a existência de uma etapa de polimento final, que elimina macroscopicamente todas as facetas anteriores e garante a regularidade do diâmetro da haste. Imagina-se a utilização de um polidor portátil com superfície concava em U – também conhecido como calibrador – que se adequa ao diâmetro da haste, tal como aqueles mencionados por Correa (2011) ou estudados por Silvestre e Buc (2015). As estrias correspondentes a tal etapa de polimento – dispostas seguindo o eixo de desenvolvimento da haste – não foram identificadas, provavelmente em função das condições e dos meios de observação.

O que se percebeu foram estrias dispostas de forma transversal ou diagonal na haste, que talvez correspondam a uma etapa final do polimento. Pode-se inferir sobre a utilização de um polidor maleável, que se adequa à forma do objeto. Porém, conhecendo alguns usos e formas de armazenamentos, como veremos mais a frente, seria muito imprudente afirmar sobre uma técnica produtiva, sem pensar na possibilidade desses traços resultarem da utilização desses adornos.

Aliás, em sua utilização clássica, com a extremidade de inserção em T inserida num orifício do lábio inferior, deixando esta extremidade em constante contato com a gengiva e a bochecha, forma-se um brilho de utilização muito particular e diferente do aspecto deixado pelo polimento. Este brilho está localizado exatamente na extremidade e nas laterais da forma em T (fig. 3), áreas nas quais o contato seria mais intenso. Ele foi observado em três peças (11459, 11460, 1886.1.9.69). Inclusive, as laterais da extremidade de inserção T tem as pontas abauladas, uma solução técnica certamente para não machucar a boca.

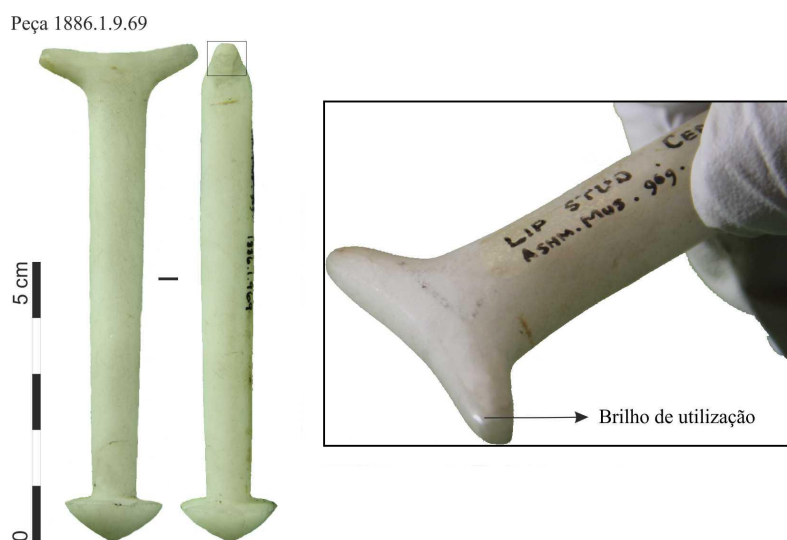


Figura 3 – Peça Karajá (1886.1.9.69) da coleção W. J. Burchell (Pitt Rivers Museum). Notar um discreto brilho “molhado” na ponta do T, possivelmente provocado pelo atrito com a gengiva/bochecha. É um brilho diferente daquele observado nas facetas de polimento ou na haste do adorno.

Créditos: J.R.Machado

Quadro 3 – Mensurações dos adornos labiais analisados.

Identificação	Grupo étnico	Morf. distal	Dimensões (mm)					Peso (g)	
			Comp.	Largura × Espessura					
				Extrem. inserção	Haste proximal	Haste medial	Haste distal		Extrem. exposição
11458	Xavante	Afilada	122	35 × 13	19 × 14	15 × 15	12 × 12	12 × 12	-
71.1930.32.22	Kayapó	Afilada	114,5	32 × 10	15 × 12,5	13,5 × 13	12 × 12	9 × 8,5	44
11457	Kayapó	Afilada	76	33 × 17	21 × 18	20 × 20	15 × 15	15 × 15	-
11460.G	Karajá	Cônica	130	32 × 12	17 × 14	17 × 17,5	17 × 17	40 × 38	-
11459.G	Karajá	Cônica	118	36 × 12	22 × 18	21 × 20	24 × 24	47 × 43	-
1886.1.969	Karajá?	Cônica	88,5	29 × 8	11 × 9,5	9,5 × 10	8 × 8	18 × 18	18,9

Fonte: Adaptado de Machado (2020).

Sobre a rede de circulação de adornos

Ao que parece, os grupos Tapirapé não só detinham o conhecimento técnico produtivo e as jazidas de matéria-prima, mas também controlavam a rede de circulação de adornos labiais finalizados, da qual faziam parte seus vizinhos Karajá, Kayapó e Xavante com os quais os Tapirapé mantinham relações por vezes amistosas, por vezes belicosas.

Não encontramos relatos detalhados sobre as trocas entre indígenas. O que encontramos são menções que deixam a existência de uma rede de trocas subentendida ou um pouco mais explícita. Kissenberth (1922), por exemplo, afirma que, em todos os relatos de seus predecessores, os Tapirapé eram os produtores e os fornecedores de adornos labiais, os quais os Karajá cobiçavam como o mais sagrado tesouro. Krause (1911) e Ehrenreich (1948) já afirmam que adornos labiais em quartzo não eram produzidos pelos Karajá e sim obtidos por meio de permuta com os Tapirapé. Mesmo desconhecendo a maneira como essas relações de troca se configuravam, a passagem de Krause (1911) legitima o prestígio desses adornos, ao indicar o seu alto valor de troca que consistia em uma canoa, um machado, um pote e um facão.

Esses objetos de prestígio também chegavam as mãos dos vizinhos como espólio de guerra. Kissenberth (1922) relata que nas aldeias Karajá alguns adornos presentes eram despojo da última operação militar contra os Tapirapé. Um dos guerreiros da aldeia do cacique Iwana havia conquistado o seu, após um embate contra um Tapirapé; ele o havia arrancado do lábio inferior após matá-lo. Na queda, o rosto do guerreiro Tapirapé

bateu no chão e a extremidade de exposição cônica do adorno teria se quebrado.

Além da circulação de objetos finalizados, alguns relatos apontam para a transmissão de conhecimento técnico produtivo entre os Tapirapé e os Kayapó. Krause (1911) diz que os Kayapó teriam aprendido a produzir os adornos de pedra com os Tapirapé. Já Baldus (1970) não desconsidera por completo tal afirmação, mas pontua uma diferença entre os adornos labiais produzidos pelos Tapirapé e pelos Kayapó: enquanto os primeiros apresentam a extremidade de exposição cônica, os segundos “[têm] um aspecto mais rudimentar (...) por lhe faltar o ‘botão’” (BALDUS, 1970, p. 128). Fuerst (1967) não menciona que os Kayapó teriam aprendido com os Tapirapé. Ele considera que os Kayapó seriam os “verdadeiros” produtores dos adornos em quartzo.

Sobre sua utilização: quem e quando?

Analisando a utilização desses adornos labiais de pedra, os relatos pontuam que tais peças ornavam exclusivamente os homens. Seu uso, todavia, não era cotidiano, certamente em função do peso que o lábio inferior deveria sustentar – um dos maiores adornos que compõe a coleção analisada pesa 44 g. A respeito da utilização, F. Krause destaca que “os portadores se cansam facilmente de seu peso e, não podendo mais segurá-los, puxam-no para dentro, até a metade da boca, segurando-os com os dentes” Krause (1911, p. 378).

A bibliografia fornece alguns indícios sobre quais indivíduos poderiam portar um adorno labial em pedra. Baldus (1970) revela que os jovens Tapirapé usavam os adornos labiais (denominados por eles de *itachinga*) durante sua festa de iniciação e somente nesta ocasião. Homens Karajá e Kayapó também usavam seus adornos denominados por eles de *manutere* e *kluduló*, respectivamente. Embora a faixa etária daqueles que o portavam não tenha sido mencionada, sua utilização também se restringia a ocasiões festivas (EHRENREICH, 1948; KRAUSE, 1911).

Em seu relato, Krause (1911) acrescenta que, entre os Karajá, somente os homens solteiros usavam tais ornamentos. Quando o homem se casava, ele presenteava algum rapaz seu parente com o seu próprio adorno de pedra.

Já Fuerst (1967) deixa subtendido que os grandes chefes Kayapó-Xikrin se ornavam com esses adornos labiais em ocasiões especiais. Na mesma linha de pensamento, Marsham (1859) menciona que somente os chefes Karajá poderiam utilizá-los.

Dreyfus (1963) relata que, ao participarem de algumas danças, os homens Kayapó envolviam seus adornos labiais em folhas, amarravam o pacote com um cordão e passavam-no em torno do pescoço como se fosse um pingente. Um hábito que se difundido e recorrente poderia explicar as estrias transversais e diagonais observadas nas peças etnográficas.

Relembremos, também, Kissenberth (1922) relatando a obtenção de um adorno labial por um homem Karajá durante a guerra.

Quando esses objetos de prestígio não estavam sendo usados, Ehrenreich (1948) assinala que os Karajá os guardavam cuidadosamente num invólucro de algodão.

Apesar de fragmentárias e, por vezes, desconstruídas, as passagens acima destacadas revelam o lugar de prestígio que estes grandes adornos em quartzo ocupavam entre os diferentes grupos étnicos do médio Araguaia e Xingu. Assim como sua produção cabia a alguns especialistas, seu uso se restringia a determinados membros do grupo. Somente os homens, jovens iniciados solteiros ou grandes chefes de grupos (talvez os dois?), tinham a prerrogativa de usá-los, distinguindo-os dos demais. Ademais, sua utilização, seja para o uso que fora

projetada, como um adorno labial, seja em *affordance* (BOËDA, 2013), como um pingente, ocorria em determinados momentos: cerimônias, festas ou, talvez, guerras.

Alguns elementos de discussão

As informações levantadas sobre os adornos labiais em quartzo abrem caminhos para algumas reflexões pertinentes para a arqueologia.

No que se refere à cadeia operatória de produção, certamente ela foi muito mais extensa e complexa do que o que pudemos reconstituir com as informações bibliográficas. A análise tecnológica das peças etnográficas foi importante para complementar e levantar novas questões basicamente relacionadas as técnicas. Pode-se valorizar alguns pontos importantes da organização técnica, social, econômica e mesmo cronológica desta produção, dos quais destaca-se:

- os locais de extração – a indicação de possíveis jazidas de matéria-prima na bibliografia etnohistórica é um primeiro passo para se encontrar sítios arqueológicos de extração.

- a repartição espacial das atividades – a cadeia operatória não era feita em um só lugar; ao menos no que se refere às etapas de extração e lascamento e/ou polimento, sabe-se que elas eram realizadas em locais diferentes. As etapas de lascamento e/ou polimento eram executadas na aldeia.

- a divisão etária, sexual e social do trabalho – somente os homens estavam implicados na produção dos adornos labiais. Os mais jovens se inseriam no processo de aprendizado selecionando matérias-primas adequadas, enquanto os mais velhos produziam o objeto. Ademais, nem todos os homens detinham este conhecimento. Ele se restringia à alguns homens que ocupavam uma certa posição social de destaque no grupo.

- transmissão do conhecimento técnico entre grupos étnicos – pode ter existido a transmissão de conhecimento técnico entre grupos étnicos (além da transmissão intergeracional de um mesmo grupo) envolvendo os Tapirapé e os Kayapó.

- a técnica de polimento – o estudo tecnológico das peças etnográficas sugere o emprego de diferentes técnicas de polimento (MACHADO,

2020). A bibliografia etnográfica nos esclarece ao menos uma destas técnicas: a utilização de um polidor (fixo ou móvel?) em granito submerso em água. A etapa de polimento poderia se prolongar por meses.

- cronológico – considerando que os Tapirapé são os principais produtores de adornos labiais em quartzo, não seria possível encontrar sítios desta produção na região do médio Araguaia anteriores ao século XVIII.

Pensando nas organizações econômicas numa escala regional, as informações levantadas também são de grande relevância. Não há dúvidas que os grupos humanos do passado trocavam objetos e ensinamentos entre si. No entanto, a grande dificuldade encontrada pelo arqueólogo é identificar, num primeiro momento, quais eram os objetos que circulavam, quais eram os grupos envolvidos e a dimensão espacial de ocorrência do fenômeno.

Os Tapirapé, o único grupo falante de língua Tupi daquela região, movimentavam uma rede de circulação de adornos labiais em quartzo de uma orientação quase centrífuga, com um centro produtor distribuindo para os vizinhos do entorno, falantes de língua Jê. As passagens sobre a obtenção e sobre a utilização explicitam o valor de prestígio destes objetos. Poder-se-ia mesmo atribuir um caráter mercantil a essa relação, caso se leve em conta seu alto valor de troca. Mas é importante lembrar que existem trocas mercantis e trocas de dádiva e elas podem combinar-se em variações intermináveis, sendo utilizadas inclusive de forma simultânea (ASSIS, 2006). E as passagens destacadas não permitem acessar ao código de troca intrínseco ao processo de estabelecimento dessas redes.

Do ponto de vista arqueológico, a existência dessa rede de circulação de objetos pode auxiliar no mapeamento da dispersão destes bens de prestígio. Essa rede poderia ser mais extensa e mobilizar grupos, aparentados ou não. Neste sentido, não seria de todo improvável encontrar um fragmento de adorno labial a quase 800 Km de distância ao sul, como no caso do sítio arqueológico Cipó da Cidade de Pedra – os últimos ameríndios a se instalarem nesta região do rio Vermelho foram os Bororo, que mantinham relações conflitantes com seus vizinhos Kayapó.

Por fim, o ponto mais instigante é o compartilhamento entre diferentes grupos étnicos de um adorno; uma classe geral de objetos considerada pelos arqueólogos como altamente identitária e, muitas vezes, como um fóssil-guia – ou seja, um marcador de uma cultura no tempo e no espaço. Face ao cenário etnohistórico por ora apresentado, devemos ter precaução na relação direta que estabelecemos entre os diferentes elementos materiais e designações fechadas de culturas arqueológicas, principalmente em contextos de mosaicos culturais como no centro-oeste brasileiro (MACHADO, 2020; OLIVEIRA; VIANA, 1999-2000; ROBRAHAN-GONZALEZ, 1996; WUST, 1990). Na bacia do Paraná, ao sul do continente, Loponte (2008) e Buc *et al.* (2019) discutem o tembetá como um marcador da passagem ritual dos jovens para a vida adulta, sendo interpretados, pois, como demarcadores sociais. Ademais, tradicionalmente relacionados pela literatura arqueológica e etnohistórica a populações Guarani, na região do curso inferior do rio Paraná eles estão relacionados à uma cerâmica não decorada pertencente a grupos classificados como caçadores-coletores (LOPONTE, 2008)

Este cenário etnográfico abre diferentes caminhos de discussão sobre identidade e materialidade. A existência deste tipo de adorno labial em diferentes grupos étnicos nos faz questionar sobre a rigidez das “tradições arqueológicas” construídas para o Brasil Central e a associação direta de um tipo de objeto a uma “tradição” específica. De posse desta informação é preciso valer-se da relatividade, já que outros contextos inspiram uma maior unidade. Por exemplo, descendo mais uma vez ao sul do continente, Pérez *et al.* (2018) vêm discutindo a homogeneidade material Guarani a partir da cerâmica, especialmente quanto ao seu estilo, além de materiais líticos e ósseos. De fato, a homogeneidade estilística Guarani parece se sustentar e as variações percebidas nos outros materiais estariam ligadas à disponibilidade local de matéria-prima.

Do ponto de vista antropológico, a identidade cultural não deve ser considerada como uma propriedade essencialista, imutável e exclusiva dos membros de um grupo cultural. Ao contrário, e

partindo do conceito de etnicidade, ela deve ser entendida como uma fonte simbólica plástica, sujeita a variações e a manipulações, originadas por demandas do próprio grupo ou de interações externas (BARTH, 2011[1969]; CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006; JONES, 1997; SHENNAN, 1994).

Nem toda materialidade é necessariamente marcadora de uma identidade cultural, podendo ser, numa escala menor, um atributo de um grupo social ou demarcadores sociais nos termos de Buc *et al.* (2019) – como parece ser o caso desses adornos labiais de quartzo, utilizados por chefes ou jovens (que um dia também serão chefes) em situações festivas e de afirmação de sua posição perante a comunidade.

Considerações finais

Os dados levantados na bibliografia etnohistórica, etnográfica e as informações de registro museográfico trouxeram elementos importantes para direcionar pesquisas arqueológicas futuras – como possíveis áreas de produção de adornos em quartzo, informações técnicas e sociais sobre algumas etapas da cadeia operatória de produção, grupos envolvidos em redes de trocas e extensão deste fenômeno (naquele momento histórico).

O estudo tecnológico das peças etnográficas detalhou algumas etapas do processo produtivo, se beneficiando dos dados etnográficos para aventar possibilidades de emprego de técnicas e métodos de produção. A cadeia operatória em questão é muito mais elaborada. Só na etapa do polimento, ela se constrói por diferentes técnicas, que precisam ser melhor entendidas, a fim de atingir uma forma final complexa e, por isso, *contraignante* (que impõe algumas limitações ou restrições técnicas). Ainda estamos longe da reconstrução das outras etapas. Além de um melhor instrumental de observação e documentação, que se adeque à suscetibilidade do quartzo e às precauções de salvaguarda das peças etnográficas, é preciso identificar os ateliês de lascamento que, de acordo com as descrições etnohistóricas, podem estar nos sítios de habitação.

Mesmo se fragmentárias e muitas vezes contraditórias, os dados expostos também levantam debates sobre temas e elementos conceituais caros a arqueologia. Antes de determinar “este tembetá é tupi e não tapuia”, é importante compreender que nem sempre quem produz é quem usa e que os objetos podem circular, integrando redes de troca e de sociabilidade.

A circulação dos objetos nos conduz a refletir sobre a construção rígida que estabelecemos para as culturas arqueológicas. Por ter como fonte informativa o documento material, muitas vezes pensado como representativo do todo, até que ponto a materialidade traduz a maleabilidade das identidades culturais? O que entendemos como representante do todo não seria o representante de uma parte, ou seja, de um grupo social?

A arqueologia, por sua vez, traz sua parcela de contribuição a antropologia. A produção destes adornos labiais de quartzo tem seu alicerce em um conhecimento técnico que não se adquire do dia para a noite. Ao contrário, tem raízes temporais profundas. A identificação de sítios produtivos, de mais adornos inteiros ou fragmentados levarão a melhor contextualizar essa produção no tempo, além de mapear a extensão desta rede de trocas em momentos passados.

Agradecimentos

Este trabalho é um pequeno desdobramento da minha pesquisa de doutorado. Agradeço ao meu orientador Jacques Pelegrin (CNRS UMR 8068) e a minha tutora científica Agueda Vilhena-Vialou (UMR 7194) por me conduzirem durante o processo de pesquisa. Agradeço a Jacques Pelegrin e a Fabrício Lisboa pela ajuda com as leituras em alemão. Agradeço a Paz Nuñez-Regueiro (Musée du Quai Branly), Donnatella Saviola (Museo Nazionale Preistorico Etnografico Luigi Pigorini), Nicholas Crowe e Dan Hicks (Pitt Rivers Museum) por me acolherem e auxiliarem durante o estudo das peças etnográficas. Agradeço à Capes, ao Musée du Quai Branly e à Maison Française d'Oxford pelas bolsas de estudo que permitiram que eu desenvolvesse minha pesquisa e me deslocasse até os museus para o estudo das peças etnográficas, coleta da documentação

museográfica e bibliográfica. Agradeço as ajudas pontuais de missão feitas pela École Doctorale 395 Espaces, Temps et Cultures e pelo Laboratoire Préhistoire et Technologie (UMR7055). Por fim, agradeço aos pareceristas deste artigo, pelas correções, críticas e apontamentos importantes para este texto e para pesquisas futuras.

Notas

1 As pesquisas arqueológicas na Cidade de Pedra foram realizadas ao longo de 30 anos por uma equipe multidisciplinar dirigida por Agueda Vilhena-Vialou e Denis Vialou, em parceria com pesquisadores do MAE-USP, com o projeto “L’Homme fossile et ses paleoenvironnements dans le bassin du Paraná – Brésil”, financiado pelo Ministère des Affaires Étrangères (França).

2 Data obtida pelo método de termoluminescência a partir de uma amostra cerâmica coletada em superfície (VIALOU *et al.* 1999). Data não calibrada expressa em anos BP.

3 Salientamos novamente que os traços foram observados a olho nu, com pouco aumento e numa área de observação reduzida. A utilização de meios mais apropriados de leitura desses traços dará resultados mais detalhados e consistentes.

Referências

ASSIS, Valéria Soares de. **Dádiva, mercadoria e pessoa**: as trocas na constituição do mundo social Mbyá-Guarani. 2006. 326f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BALDUS, Herbert. **Tapirapé**. Tribo tupi no Brasil Central, Brasileira (série grande formato), v. 17. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

BANNER, Horace. O índio Kayapó em seu acampamento. **Boletim do Museu Paraense**

Emilio Goeldi, n. 13, p. 11-51, 1961.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. *In*: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade** – seguido de “Grupos étnicos e suas fronteiras”, de Frederik Barth. Tradução de: FERNANDES, Élcio. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, p. 187-227, 2011.

BOËDA, Éric. **Techno-logique & Technologie**: une paléo-histoire des objets lithiques tranchants. Prigonrieux: @rchéo-éditions, 2013.

BUC, Natacha; ACOSTA, Alejandro; LOPONTE, Daniel. Cuentas y tembetás malacológicos de los grupos cazadores-recolectores préhispanicos del humedal del Paraná inferior. **Comechingonia - Revista de Arqueología**, v. 23, n. 1, p. 87-113, 2019.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Caminhos da identidade**. Ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

CORREA, Ângelo Alves. Cadeias operatórias Tupi. **Habitus**, v. 9, n. 2, p. 221-238, 2011.

DOLFFUS, Olivier. Jehan Albert Vellard. **Bulletin de l’Institut Français d’études Andines**, v. 25, n. 2, p. 165-167, 1996.

DREYFUS, Simone. **Les Kayapó du nord – état du Pará, Brésil**. Contribution à l’étude des Indiens Gé. Paris: Mouton & Co, 1963.

EHRENREICH, Paul. Contribuições para a etnologia do Brasil. **Revista do Museu Paulista - Nova Série**, v. 2, p. 7-135, 1948.

FERREZ, Gilberto. **O Brasil do Primeiro Reinado visto pelo botânico William John Burchell 1825/1829**. Rio de Janeiro: Fundação João Moreira Salles e Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.

FUERST, René. Dissemblances matérielles chez les Indiens Kayapó du Brésil central. **Bulletin de la Société Suisse des Américanistes**, v. 31, p. 17-34, 1967.

FUERST, René. **Xikrin**. Hommes Oiseaux d'Amazonie. Milão: 5 Continents Editons, 2006.

INIZAN, Marie-Louise; REDURON, Michèle; ROCHE, Hélène et TIXIER, Jacques. **Tecnologia da Pedra Lascada**. Tradução de: RODET, Maria Jacqueline e MACHADO, Juliana de Resende. Belo Horizonte: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, 2017.

JONES, Siân. **The archaeology of Ethnicity**. Constructing identities in the past and present. Londres, Routledge, 1997.

KISSENBERTH, Wilhelm. Über die hauptsächlichsten Ergebnisse der Araguaya-Reise. **Zeitschrift für Ethnologie**, v. XLIV, p. 36-59, 1912.

KISSENBERTH, Wilhelm. Beitrag zur kenntnis der Tapirapé-Indianer. **Baessler-Archiv**, v. VI, p. 36-81, 1922.

KRAUSE, Fritz. **In den Wildnissen Brasiliens**. Bericht und Ergebnisse der Leipziger Araguaya-Expedition 1908, Leipzig: R. Voigtländer, 1911.

LOPONTE, Daniel. **Arqueología del humedal del Paraná inferior**. Arqueología de la cuenca del Plata, Serie Monográfica 1. Buenos Aires: Ediciones del Riel, 2008.

MACHADO, Juliana de Resende. **Tesselles techniques d'une mosaïque culturelle**. L'apport de la technologie lithique et céramique à l'histoire précoloniale de la Cidade de Pedra (Brésil). 2020. 576f. Tese (Doutorado em Pré-história) – École Doctorale 395 Espaces, Temps, Cultures, Université Paris Nanterre, Nanterre, 2020.

MACHADO, Juliana de Resende. A coleção lítica de superfície e o palimpsesto no sítio arqueológico Praça de Piragiba (Bahia). **Teoria & Sociedade**, n. 23.1, p. 41-72, 2015.

MARSHAM, Robert. The Hon. Robert Marsham exhibited some stone Axes and other objects, obtained by him in the Brazils, on which he read the following communication. **Proceedings of the Society of Antiquaries of London**, v. 1, n. 2, p. 101-104, 1859.

OLIVEIRA, Jorge Eremites e VIANA, Sibeli Aparecida. O centro-oeste antes de Cabral. **Revista da USP**, v. 44, p. 142-89, 1999-2000.

PELEGRIN, Jacques. **Technologie lithique**: le Châteperronien de Roc-de-Combe (Lot) et de La Côte (Dordogne). Cahiers du quaternaire 20. Paris: CNRS Editions, 1995.

PELEGRIN, Jacques. Observations sur la taille et le polissage de haches en silex. *In*: DE LABRIFFE, Pierre-Arnaud; THIRAUULT, Éric (Org.). **Produire des haches au Néolithique**. De la matière première à l'abandon. Actes de la table ronde de Saint-Germain-en-Laye, 16 e 17 de março de 2007. Paris: Société préhistorique française, 2012, p. 87-106.

PELEGRIN, Jacques. Tecnologia lítica à Francesa. **Revista de Arqueologia**, v. 33, n. 1, p. 221-243, 2020.

PÉTREQUIN, Pierre; BONTEMPS, Christophe; BUTHOD-RUFFIER, Daniel; LE MAUX, Nicolas. Approche expérimentale de la production des haches alpines. *In*: PÉTREQUIN, Pierre; CASSEN, Serge; ERRERA, Michel; KLASSEN, Lutz; SHERIDAN, Alison; PÉTREQUIN, Anne-Marie (Dir.). **Jade**. Grandes haches alpines du Néolithique européen. V^e et IV^e millénaires av. J.-C. Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté, 2012, p. 258-291.

PÉREZ, Maricel; SILVESTRE, Romina e BUC, Natacha. Tecnología de grupos guaraníes en las cuencas alta y baja de los ríos Paraná y Uruguay. **Revista de Antropología del Museo de Entre Ríos**, v. 4, n. 2, p. 41-65, 2018.

PETRUCCI, Valeria. Le collezioni etnografiche brasiliane in Italia. *In*: **Indios del Brasile** - culture che scompaiono. Scritti di antropologia e archeologia. Roma: Ministero per i Beni Culturali e Ambientali, 1983.

PICKERING, Jane. William John Burchell's travels in Brazil, 1825-1830, with details of the surviving mammal and bird collections. **Archives of Natural History**, v. 25, n. 2, p. 237-66, 1998.

POULTON, Edward Bagnall. **William John Burchell**. The materials of a lecture delivered before the British Association in the Town Hall, Cape Town on Thursday evening, August 17, 1905. Londres: Spottiswoode, 1907.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika Marion. Os grupos ceramistas pré-coloniais do centro-oeste brasileiro. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 6, p. 83-121, 1996.

RODET, Maria Jacqueline; DUARTE-TALIM, Déborah; GUAPINDAIA, Vera; MATTOS, Amauri. Cadeia operatória, lâminas de machado polidas e imaginário amazônico no sítio arqueológico Boa Vista, Pará. **Teoria & Sociedade**, Número Especial – Antropologias e Arqueologias hoje, p. 307-332, 2014.

SHENNAN, Stephen. Introduction: archaeological approaches to cultural identity. *In*: SHENNAN, Stephen (Ed.). **Archaeological Approaches to Cultural Identity**, 2^a ed., Londres: Routledge, 1994, p. 1-32.

SILVESTRE, Romina e BUC, Natacha. Experimentação e traceologia: explorando a funcionalidade dos “calibradores” dos sítios arqueológicos de tradição Tupiguarani, Argentina. **Teoria & Sociedade**, n. 23.1, p. 125-151, 2015.

SOUZA, Gustavo Neves de. **O material polido do interior de Minas Gerais e São Paulo, entre a matéria e a cultura**. 2008. 147f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

TIXIER, Jacques. **Méthode pour l'étude des outillages lithiques**. Notice sur les travaux scientifiques de J. Tixier. Collection Archéologiques, v. 4. Luxemburgo: Centre National de Recherche Archéologique e Musée National d'Histoire et de l'Art, 2012.

VELLARD, Jean Albert. Vista de Muñecas karajas de la misión Vellard a los ríos Araguaya y Tocantins. **RUNA**, archivo para las ciencias del hombre, v. 13, n. 1-2, p. 197-207, 1981.

VIALOU, Denis; VILHENA-VIALOU, Agueda; FIGUTY, Levi. **L'Homme fossile et ses paléoenvironnements dans le bassin du Paraná - Brésil**. Relatório de pesquisa. Paris: Muséum National d'Histoire Naturelle, 1999, p 45.

WESOLOWSKI, Verônica. Cipó: remanescentes funerários. *In*: VILHENA-VIALOU, Águeda (Ed.) **Pré-história do Mato Grosso**. Cidade de Pedra, v. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 139-143.

WÜST, Irmhild. **Continuidade e mudança** – para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do rio Vermelho, Mato Grosso. 1990. 687f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 1990.